

Crise é geral na Zona Oeste

O paciente que chega a um hospital público da Zona Oeste com doença arterial grave corre sério risco de sair dali com um membro amputado. O déficit de médicos nos hospitais estaduais Pedro II, em Santa Cruz, Rocha Faria, em Campo Grande, e Albert Schweitzer, em Realengo, impede que na região onde vivem cerca de 1,2 milhão de pessoas seja efetuada uma única cirurgia vascular. Só no último ano, 194 médicos lotados nessas instituições deixaram o serviço público.

O colapso do sistema público de saúde é mais flagrante no Pedro II, onde há um mês nenhum dos quatro elevadores funciona no prédio de 12 pavimentos — a maternidade, aliás, fica no sétimo andar. Faltam neurocirurgiões, cirurgiões gerais, pediatras e anestesistas. O centro cirúrgico e a UTI estão interditados por causa das goteiras, e o quarto e quinto andares estão fechados.

De acordo com o diretor da Federação Nacional dos Médicos, Jorge Darze, a crise que já gerou um inquérito civil — instaurado pelo Ministério Público para apurar os responsáveis pela degradação — é resultado da falta de investimentos no setor. “Os equipamentos foram sucateados e os profissionais acabam se desligando do serviço em função dos baixos salários”, diz ele. Pelas estimativas da Federação, a regularização do atendimento na Zona Oeste depende da contratação de 530 profissionais. Com instalações para receber mais de 2 mil pacientes por dia, os hospitais da região atendem, no máximo, 700.